

Uma grande mudança

Poucos eventos exerceram tamanho impacto sobre a igreja como a conversão de Constantino. O imperador romano que unificou o império é uma figura polêmica na história da igreja, especialmente por sua relação ambígua com a fé cristã. Por um lado, a narrativa da vitória de Constantino na batalha da Ponte Milvia na qual Constantino teria recebido uma orientação divina para colocar as iniciais do nome de Cristo no escudo de seus soldados, o *labarum*, por outro lado o fato de que Constantino cumpria suas funções como sumo sacerdote do culto pagão do império e se batizou apenas em seu leito de morte. Constantino foi um cristão sincero ou apenas usou o cristianismo para seus próprios interesses? Bem, aparentemente esse é um debate que não tem fim. Justo González acredita que a conversão de Constantino foi sincera, embora acredite que Constantino estaria misturando o culto ao Sol Invicto, divindade que seu pai já adorava, com o culto a Jesus Cristo.¹ Outros pesquisadores afirmam que Constantino foi na verdade um pagão que viu benefícios na sua adesão ao cristianismo e vislumbrou o poder que a fé cristã teria de unificar religiosamente o império.

O fato é que a postura de Constantino com relação a fé cristã não era hostil como imperadores anteriores, muito pelo contrário, o imperador promulgou diversos editos que beneficiavam os cristãos e que funcionavam de certa forma como uma plataforma para a expansão da fé cristã. Em 324 promulgou um edito no qual obrigava todos os soldados a adorar o Deus supremo no primeiro dia da semana, o dia no qual os cristãos se reuniam para celebrar a ressurreição do Senhor. Em 325, quando um concílio de bispos se reuniu em Nicéia, Constantino pagou as despesas de viagem de todo o concílio com o tesouro do Império.

Ao mesmo tempo, ao fundar Constantinopla com o ideal de ser uma nova capital do Império mais ao Oriente que representava o renascimento do Império Romano sob seu governo, Constantino despojou muitos templos pagãos retirando obras e itens luxuosos para enfeitar a nova cidade. Assim, enquanto novos templos cristãos luxuosos, grandes e belos eram erigidos, alguns deles sob ordens diretas de Constantino e com dinheiro do império, os templos pagãos perdiam seu glamour e esplendor. Além disso Constantino baniu definitivamente a crucificação como instrumento de morte, concedeu privilégios ao clero como isenção de impostos e outras regalias, alguns clérigos eram inclusive mantidos com salários pagos pelo império.²

De fato foi sob o império de Constantino que houve uma mudança brusca, repentina e talvez inesperada na atitude do governo e também das pessoas com relação a fé cristã e não demorou para essa mudança começar a mostrar seus impactos na vida da igreja. O culto cristão, que até então era celebrado em casas e catacumbas com extrema simplicidade e singeleza começou a se tornar mais requintado e litúrgico em um dado sentido. O culto ao imperador, uma tradição pagã romana antiquíssima que prestava culto a figura do governante, começou a influenciar as formas do culto cristão a medida que os bispos e pastores passaram a ser chamados de sacerdotes, nome que era usado para se referir aos sacerdotes pagãos, que passaram a se vestir com trajes paramentados típicos do culto do imperador e a empunhar cálices de metais preciosos e outros itens luxuosos durante a cerimônia.

A forma do culto também foi sendo gradativamente adaptada, com gestos de reverência que eram prestados ao imperador sendo incorporados ao culto e o costume das procissões que surgiu nesse período. O culto deixou de ter seu lugar nas casas para ser realizado em templos cada vez mais luxuosos, vários deles nos lugares onde mártires famosos estavam enterrados. Não demorou a iniciar uma série de contos e lendas em torno dos pertences e restos mortais dos mártires aos quais começaram a ser atribuídos poderes miraculosos e então surgiam as relíquias: itens de uso dos santos que eram comprados a alto preço e que possuíam poderes.

Além disso, aspectos cruciais do cristianismo dos dois primeiros séculos começavam a mudar de maneira lenta mas notável e podemos destacar dois aspectos. Primeiro, nos primeiros séculos havia uma grande identificação entre a fé cristã e os membros mais fracos da sociedade, notadamente os pobres, os excluídos, os marginais, os escravos e os inúteis. Contudo, a partir de Constantino a igreja começou a desfrutar de maior riqueza nos seus templos, nos seus detalhes como as roupas dos sacerdotes e os utensílios do culto e a riqueza e a pompa passaram a ser vistos como favor de Deus. Os bispos se orgulhavam dos templos luxuosos que estavam sendo construídos, mais imponentes e impressionantes que os templos pagãos.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.130,132

² HURLBURT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2007, p.90

Em segundo lugar, o período de ascensão da igreja junto ao estado praticamente fez desaparecer um dos temas fundamentais do cristianismo primitivo, que é o tema da volta de Cristo e da instauração plena do Reino de Deus. Com o fim da perseguição e o início de um período de ascensão – que logo se tornaria hegemonia – os cristãos passaram a achar que as promessas de um tempo de paz estavam cumpridas e portanto cada vez menos se falava com expectativa da volta de Cristo e do Reino de Deus. A igreja perdeu sua visão escatológica e adaptou-se completamente ao seu momento histórico.

Ao mesmo tempo, como cessava a perseguição a fé cristã e quase seguidamente o cristianismo tomou o status de religião do império, o número de “conversões” (ou será melhor dizer adesões?) aumentou enormemente e os pastores e líderes locais não conseguiam instruir mais as pessoas com a mesma profundidade de antes. A religião pagã do império e a fé cristã começavam a se misturar de forma gradual mas crucial. Um exemplo claro é a figura chamada de “Pantokrátor”, uma imagem de Jesus Cristo comum desse período em muitas basílicas e igrejas na qual Jesus aparece sentado em um trono, em uma identificação profunda com o trono do imperador romano. A igreja estava avançando e vencendo ou retrocedendo e sendo vencida?

Reações e ações

Dentro da igreja começou a se notar uma divisão, pois nem todos viam os fatos pelo mesmo ângulo. Por um lado, havia uma parte da igreja que via os últimos fatos ocorridos como o triunfo da igreja por meio de um homem usado por Deus, que era Constantino. Eusébio de Cesaréia talvez seja o maior representante dessa perspectiva dentro da igreja. Eusébio nasceu por volta de 260, na Palestina, e foi educado em Cesaréia e mais tarde veio a se tornar bispo daquela região. Eusébio viveu uma das últimas ondas de perseguição a fé cristã e viu toda a transição empreendida por Constantino. Sua forma de entender o que estava se passando é que “as perseguições eram causadas principalmente pelo fato de as autoridades do Império não terem percebido que o cristianismo representava a coroação das melhores tradições romanas. A fé e o Império, assim como a fé e a filosofia, não eram incompatíveis. Pelo contrário, a fé era a coroa tanto da filosofia como do Império”.³

Eusébio representava na verdade o pensamento de grande parte da igreja, que não via maiores problemas no cenário que estava se desenhando. No entanto, outros viam problemas e movimentos começaram a surgir, sobretudo o movimento monástico eremita e o monasticismo comunitário. Ambos os tipos de monasticismo são baseados na ideia de abandonar a sociedade perdida e cheia de tentações para viver em solidão, subjugando as paixões da carne e negando saciar seus desejos. Por um lado o monasticismo era construído sobre a percepção da filosofia clássica de que o corpo é essencialmente mau e a alma é essencialmente boa e que portanto uma elevação espiritual seria necessariamente as custas do sacrifício do corpo. Por outro lado, os primeiros monges viam na vida de solidão uma forma de repudiar os rumos da igreja que havia se mundanizado.

O movimento monástico iniciou por volta do séc. III e tomou força no séc. IV. Os primeiros monges ficaram conhecidos como Pais do Deserto, pois muitos monges foram para lugares desérticos em busca de uma vida mais profunda com Deus, em especial a região árida do Egito. O termo “monge” vem do grego “*monachós*” que significa solitário. Outros termos utilizados eram “eremita” e “anacoreta”, este último significando “retirado”. Jerônimo atribui o título de primeiro monge a Paulo, o Eremita, e Atanásio atribui este mesmo título a Antão. No entanto, aparentemente esses dois homens se tornaram monges muito conhecidos mas não foram os primeiros.

O movimento monástico possuía então duas vertentes. A primeira era de homens e mulheres que abandonavam a sociedade, um projeto de família e a igreja institucionalizada para viver no deserto em solidão. Por deserto leia-se lugares ermos, como cavernas e pequenos oásis. Muitos se alimentavam de frutas silvestres, legumes e frutas. Não possuíam nada senão a própria roupa, não possuíam livros e traziam apenas passagens da Bíblia decoradas, as quais recitavam continuamente.

A segunda vertente era o monasticismo comunitário cuja opinião era de que o isolamento deveria se dar em relação a sociedade em geral e não a outros monges. Este monasticismo tem como seu ícone fundador o monge Pacômio, que construiu um extenso muro ao redor de um espaço e empreendeu a filosofia de uma rigorosa disciplina: os monges para ingressar teriam que contrair votos de pobreza, jurar fidelidade e obediência a seus superiores e exercerem trabalhos manuais com disciplina e afincos. Pacômio chegou a estabelecer nove mosteiros até sua morte e várias pessoas procuravam os mosteiros não apenas para se tornarem monges mas para se tornarem cristãos. O movimento monástico teve uma influência positiva sobre a igreja representada pelos bispos, mas não suficiente.

³ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.143